SAÚDE MENTAL, ESCOLA E FAMÍLIA: UM DIÁLOGO ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS E A TEORIA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER

Sandra Suely de Oliveira Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8204-8689
Endereço eletrônico: sandra.souza@uesb.edu.br

Palavras-chave: Saúde mental; Paradigma sistêmico; políticas públicas.

INTRODUÇÃO

A família é o sistema que inaugura os primeiros vínculos humanos, e, portanto, tem papel de grande relevância na organização e desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social entre os indivíduos. No contexto familiar ocorrem as primeiras construções/representações e o sentimento de pertencimento. É o cimento da sociedade, organizada com base nos valores e heranças simbólicas transmitidas culturalmente. Os diferentes sistemas influenciam no processo de construção e organização emocional, cognitivo e ético dos indivíduos. Assim, a formação humana não acontece de forma isolada, mas numa multiplicidade de contextos intersubjetivos ou redes relacionais.

O presente texto é fruto de uma pesquisa em processo final, cujo interesse foi estabelecer um diálogo entre saúde mental e educação. Assim, entendemos que a saúde mental contrapõe a uma prática medicalizande, individualizada e descontextualizada. Nesse sentido, abordamos esse tema no âmbito escolar para pensar em propostas que favoreçam o acolhimento e cuidado dos escolares que são acometidos por problemas emocionais. O texto dialoga com o paradigma sistêmico fazendo um entrecruzamento com a concepção de vínculo, saúde mental e família no cenário escolar.

Com base no exposto, passamos a incluir na discussão a implementação de políticas públicas voltadas à saúde mental no contexto educacional. Ancoramos o estudo no referencial teórico/metodológico da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner (2002; 2011), na qualidade de uma teoria sistêmica aplicada ao estudo do desenvolvimento familiar e humano, discutindo os elementos do modelo PPTC (Pessoa, Processo, Tempo e Contexto) podendo ser transpostos para a compreensão das políticas públicas educacionais e de saúde mental.

Em se tratando do aspecto emocional, vasta literatura chama atenção para o papel da família como sistema nuclear no desenvolvimento psicoemocional dos filhos. No tocante às crianças e jovens de famílias pobres, acometidos por problemas emocionais, podemos destacar algumas situações que impactam no desenvolvimento saudável, tais como: violência física e/ou psicológica, abandono, dificuldade econômica, baixo nível de escolaridade, etc. Esses são alguns dos fatores que podem influenciar para desencadear transtornos emocionais em crianças e adolescentes. Segundo Minuchin (1999) os serviços para famílias pobres são disponíveis, mas muitas vezes falhos. Serviços fragmentados e não coordenados, acabam sendo ineficazes porque ficam concentrados nas pessoas e nos problemas individuais, e não nas possibilidades de acompanhamento efetivo dentro das famílias e das comunidades.

Objetivamos conhecer os caminhos adotados pelos gestores para acolher e cuidar das crianças e jovens que apresentam transtornos emocionais, bem como, identificar os aspectos que dificultavam o diálogo entre a escola e os centros de saúde através do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Atenção Psicossocial infanto-juvenil (CAPSi), Centros de Referência em Saúde Mental (CERSAM).

As causas que desencadeiam os transtornos emocionais entre crianças e adolescentes são multifatoriais, podendo ser visível, a exemplo das dificuldades socioeconômicas, a vulnerabilidade social, a violência intra e extrafamiliar, o uso e tráfico de drogas, bem como, mediante os fatores invisíveis, manifestos em comportamentos disfuncionais relacionados à revolta, à depressão, à baixa autoestima e à própria carência por fratura no vínculo familiar.

O aspecto vincular do sistema família tem papel significativo na vida dos seus membros, configurando assim, um sistema intersubjetivo complexo. Nesse sentido, para termos uma ideia de como o sistema se aplica às pessoas, precisamos considerar as conexões e os padrões desestruturastes e repetitivos. Também é necessário observar as características dos diferentes sistemas, a maneira como suas partes influenciam uma à outra.

METODOLOGIA

Em 2023 buscamos quatro escolas da rede municipal de ensino: Escola Municipal Vilas Boas Moreira, Escola Municipal Alaor Coutinho, Escola municipal Alicia Pedral e Escola Municipal Fernando Espínola. Aplicamos um questionário para Direção e Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental I e II de cada escola. Fizemos um

mapeamento, a fim de identificar os possíveis escolares com problemas de desregulação. Identificamos na Escola Municipal Vilas Boas Moreira 15 (quinze) escolares; na Escola Municipal Fernando Espínola 38 (trinta e oito) escolares no Ensino Fundamental e 9 (nove) matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA); na Escola municipal Alicia Pedral foram identificados 10 (dez) casos e na Escola Municipal Alaor Coutinho foram identificados 30 (trinta) escolares com problemas emocionais. Com esses dados, traçamos os passos seguintes para o estudo.

A Escola Municipal Vilas Boas foi escolhida para a pesquisa por se colocar mais disponível em colaborar no fornecimento dos dados e viabilizou contato com os familiares. Nesse sentido, fizemos uma reunião com pais e mães mediante entrevista coletiva. Os problemas emocionais evidenciados em maior proporção foi a depressão, Desregulação do Humor e Transtorno de Ansiedade.

A proposta do estudo ancora-se numa proposição metodológica a partir da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner (2002, 2011), na qualidade de uma teoria sistêmica aplicada ao estudo do desenvolvimento familiar e humano. O teórico elabora suas ideias, enfatizando a pesquisa sobre o desenvolvimento humano considerando a pessoa em desenvolvimento no ambiente, lidando com suas experiências no contexto onde está inserida para saber como ela percebe e se comunica com o seu ambiente. Nessa perspectiva, o autor introduz o conceito de *ambiente ecológico,* significando estruturas que se encaixam uma dentro da outra.

A pessoa em desenvolvimento penetra de maneira dinâmica no meio em que vive reestruturando-o progressivamente. Assim, o meio ambiente é considerado bidirecional, caracterizado por reciprocidade. A relevância do meio ambiente requer o exame de sistemas de múltiplas interconexões entre os diferentes ambientes. Uma concepção mais ampliada do meio ambiente concebe a topologia ecológica como uma organização de microssistema, mesossistema, exossitema, macrossistema e por último o teórico acrescentou o cronossitema (Bronfenbrenner, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, o estudo sinaliza fragilidade nos serviços de saúde mental na rede municipal de Vitória da Conquista. Faltam ações que dialoguem com as escolas. É preciso

pensar uma política com ações relacionais, coletiva, democrática e sócio referenciada para romper com o modelo biomédico e propor transformações mais consistentes envolvendo as escolas com os diferentes setores de saúde mental.

Ribeiro (2025) considera que a saúde mental escolar exige a construção de ações coletivas, situadas em um princípio ético, de modo que possa romper com a lógica da patologização e culpabilização dos sujeitos. Para tanto, é necessário entender que a saúde mental não pode ser reduzida ao diagnóstico e encaminhamento de estudantes com sofrimento psíquico, mas que seja compreendida numa dimensão coletiva e processual.

O autor supracitado chama atenção para a complexidade do papel dos professores como mediadores da vida escolar dos alunos e que não se trata em "capacitar" professores para identificar sintomas ou replicar práticas terapêuticas, mas dar suporte ao seu trabalho pedagógico como ato de cuidado. Cabe, portanto, pensar uma política de saúde e educação promotora de transformações das práticas escolares, a partir de uma escuta sensível e qualificada na mediação de conflitos, a partir de ações que valorizem uma relação mais ética potencializada por práticas coletivas.

Promover ações intersetoriais entre saúde e educação, demanda política pública voltada para o diálogo envolvendo escola, família e estudantes. Assim, é possível pensar ações mais contextualizadas e concretas de modo a estabelecer processos comunicativos entre os setores, gestão e os sujeitos envolvidos, a fim de possibilitar ações de acolhimento e cuidado.

CONCLUSÕES

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos, consideramos a pesquisa exequível, visto que nos oferece caminhos para entender e viabilizar ações interventivas mais robustas e coerentes na mediação dos aspectos emocionais de crianças e jovens da rede pública de ensino. Além disso, é uma pesquisa sem custo financeiro, levando-se em consideração a importância do estudo para a comunidade acadêmica como forma de suscitar mais estudos dessa natureza a fim de dar visibilidade aos problemas que ficam ocultos dentro das escolas. Acreditamos que esse estudo possa contribuir para desenvolvimento de ações educativas com olhar sensível ao desenvolvimento humano e otimizar positivamente os

vínculos da escola com o sistema familiar e os Centros de apoio de saúde mental.

REFERÊNCIAS

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2° reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano:** tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MINUCHIN, Patrícia; COLAPINTO, Jorge; MINUCHIN, Salvador. **Trabalhando com famílias pobres.** Trad. Magda França Lopoes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RIBEIRO, Luiz Paulo. Saúde mental escolar como política pública: avanços e desafios da política nacional de atenção psicossocial a comunidades escolares. **Caminhos da Educação diálogos culturas e diversidades**, *[S. l.]*, v. 7, n. 2, p. e01–14, 2025. DOI: 10.26694/caedu.v7i2.6863. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/6863. Acesso em: 14 maio. 2026.